

	REFERÊNCIA METAFÍSICA	REFERÊNCIA CIENTÍFICA	REFERÊNCIA DIALÉTICA
	<p>Perspectiva Essencialista</p> <p>O momento de afirmação da metafísica: a harmonia da relação sujeito/objeto sob a primazia do objeto.</p>	<p>Perspectiva Naturalista</p> <p>O momento de afirmação da ciência como negação da metafísica: a supremacia do sujeito racional e a construção do objeto.</p>	<p>Perspectiva Histórico-social</p> <p>O momento de afirmação da dialética como negação, resgate e superação da metafísica e da ciência: a rearticulação da relação sujeito/objeto.</p>
O CONHECIMENTO	<p>Do ponto de vista epistemológico, o sujeito e o objeto se encontram numa relação de harmonia como que preestabelecida. O objeto se impõe ao sujeito como essência, elemento ontológico qualitativo, autônomo, que o sujeito pode representar em sua subjetividade. A consciência é capacidade de apreensão, seja por identificação, seja pela mediação intuitiva da idéia ou do conceito, do objeto como essência. A razão dispõe, ainda, de garantia extrínseca, representada pela razão divina.</p>	<p>A relação sujeito/objeto se torna problemática, sendo posta em xeque a harmonia que a caracterizava, por falta de garantias extrínsecas. A razão é submetida a uma crítica rigorosa, e o objeto só pode se revelar nos limites do alcance do próprio sujeito, que se torna, assim, sujeito constituidor, demiúrgico. Sendo, então, razão lógica pura por excelência, o sujeito representará o objeto, formal ou quantitativamente. O objeto possível se torna forma pura ou mundo natural positivado, quantificado e matematicamente exprimível. A razão humana é capaz de conhecer o mundo enquanto ele se manifesta como conjunto dos fenômenos, mediante uma metodologia simultaneamente experimental e matemática.</p>	<p>Sujeito e objeto situam-se, por assim dizer, numa nova relação entre si, na qual nenhum dos dois prevalece, um dependendo do outro, só existindo enquanto pólo da relação. O sujeito se dá conta de que, embora condicionante da posição do objeto, não pode integrá-lo; o objeto, por sua vez, por mais autônomo que seja, não mais se impõe dogmaticamente ao sujeito como pura positividade. O sujeito se reconhece no fluxo da contingência do existir natural e social, reino do objeto que, de seu lado, só tem sentido para um sujeito.</p>
O REAL E O HOMEM	<p>O real constitui uma ordem ontológica: tanto o mundo como o homem são vistos como entes/substâncias que realizam uma essência. A essência de cada ente contém e define as características específicas de cada um, que são universais e comuns a todos os indivíduos da mesma espécie. A perfeição de cada ente se avalia pela plenitude de realização dessas potencialidades intrínsecas.</p>	<p>O real se esgota na ordem natural do universo físico, à qual tudo se reduz, incluídos o homem e a própria razão, que é razão natural. O homem se constitui, então, num organismo vivo, regido pelas leis da natureza, leis estas que determinam sua maneira de ser e de se desenvolver, tanto no plano individual como no plano social.</p>	<p>O real se constitui da totalidade do universo e se realiza num processo histórico, resultante a cada momento de múltiplas determinações naturais, sociais e culturais; o processo histórico de constituição do real segue "leis" que não se situam mais nem no plano da determinação metafísica, nem no plano da necessidade científica e que não se formalizam mais com base numa pura lógica de identidade. Dessa forma o homem também é entidade natural histórica, determinado pelas condições objetivas de sua existência ao mesmo tempo que atua sobre elas por meio de sua <i>práxis</i>.</p>
A AÇÃO HUMANA E A EDUCAÇÃO	<p>Na perspectiva essencialista, a educação é concebida como processo de atualização da potência da essência humana, mediante o desenvolvimento das características específicas contidas em sua substância, visando sempre um estágio de plena perfeição e atualização total.</p> <p>É nessa essência que se encontram inscritos os valores que presidem a ação do homem e que definem os fins da Educação. Portanto, os critérios de toda ação são critérios propriamente éticos.</p>	<p>Na perspectiva naturalista, a educação é concebida como processo de desenvolvimento de um organismo vivo, cujas potencialidades físico-biológicas e sociais já se encontram inscritas no homem, como ser natural que é, sempre visando um aumento individual e social da vida.</p> <p>Fins e valores se encontram, pois, expressos na adequação às leis naturais que regulam a vida, e os critérios de avaliação são fundamentalmente técnicos.</p>	<p>Na perspectiva histórico-social, a educação é concebida como processo individual e coletivo de constituição de uma nova consciência social e de reconstituição da sociedade pela rearticulação de suas relações políticas.</p> <p>Fins e valores se definem pelo tipo de relação de poder que os homens estabelecem entre si, na sua prática real, sendo os critérios de avaliação da ação e da educação eminentemente políticos.</p>